



AS PRÁTICAS EDUCATIVAS PRESENTES NO MST: O CASO DO ASSENTAMENTO DE CACHOEIRA SECA, CARUARU-PE.

Autora: Mônica Batista da Silva

(Universidade Federal de Pernambuco-UFPE; monikacoca4@gmail.com)

Orientadora: Prof; Dra: Allene Carvalho Lage

(Universidade Federal de Pernambuco-UFPE; allenelage@yahoo.com.br)

Resumo

O presente exercício de pesquisa tem como objeto de estudo o assentamento de Cachoeira Seca, Caruaru-PE. Neste trabalho abordamos a luta por educação em Assentamentos de Reforma Agrária, a relação entre a educação e os movimentos sociais, em especial o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Desta forma, cotejamos algumas ideias que reafirmam os assentamentos rurais, consequência do movimento social de luta pela terra, como expoentes de um novo espaço educativo. Nesta perspectiva pretendemos oferecer reflexões sobre o seguinte problema: Quais as principais práticas educativas vivenciadas em assentamentos de reforma agrária organizada pelos movimentos sociais do campo no município de caruaru-PE? Para respondermos esta questão destacamos como objetivo geral: Conhecer as principais práticas educativas vivenciadas em assentamentos de reforma agrária organizada pelos movimentos sociais do campo no município de caruaru-PE. Desse modo, como objetivos específicos, podemos destacar os seguintes: Apresentar os princípios da educação do campo; Descrever as principais ações de luta pela terra realizada pelos movimentos sociais do campo e Identificar no assentamento as principais questões referentes a Reforma Agrária. Tal estudo justifica-se pela necessidade de discutir e abordar as questões educativas presentes dentro dos movimentos sociais, neste caso, o MST. Para tanto, o alicerce da concepção teórica deste exercício de pesquisa tem seu desenvolvimento a partir dos pensamentos e estudos realizados principalmente por Paulo Freire, Caldart e Gohn.

palavras-chave: educação do campo, assentamentos, reforma agrária, movimentos sociais.

Introdução

Meu interesse pela temática deste exercício de pesquisa justifica-se pela minha história de vida. Nasci e fui criada no campo, entretanto, o meu percurso de escolarização não se desenvolveu completamente nas escolas campesinas. Minha trajetória de vida se deu diante de muitas dificuldades, que variaram desde a distância de minha casa para a escola, como das precárias condições da mesma, que em dias de chuva por exemplo, não funcionava. Tinha que caminhar enormes distancias para aprender a ler, porque não havia escola perto de casa, meus pais se esforçavam para que mesmo assim não pudesse perder o direito de estudar. Apesar de tudo isso, com



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

esforço e dedicação consegui ingressar em uma Universidade Pública, isso porque não desisti e não desanimei mesmo quando tudo me levava a uma perspectiva contrária.

Hoje, infelizmente ainda me deparo com situações parecidas. A população do campo ainda enfrenta vários desafios para que seus filhos tenham a oportunidade de frequentar uma escola, entretanto, a luta hoje não é apenas pelo o direito a educação, mas por uma educação no e do campo. Podemos considerar que dentre os vários movimentos sociais que defendem esta causa, talvez seja o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra quem mais luta por sua concretização.

Diante de tudo o que aqui já foi exposto, ao me deparar com o desafio de desenvolver um trabalho voltado sobre a educação dos movimentos sociais, logo me veio em mente os assentamentos de reforma agrária. Pois, considero que diante do cenário de luta pela reforma agrária no Brasil, tornasse importante nós questionarmos referente ao tipo de escola que se deseja no campo e quais as práticas educativas presentes nestes assentamentos.

Neste trabalho abordamos a luta por educação em Assentamentos de Reforma Agrária, a relação entre a educação e os movimentos sociais, em especial o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Desta forma, cotejamos algumas ideias que reafirmam os assentamentos rurais, consequência do movimento social de luta pela terra, como expoentes de um novo espaço educativo.

Nesta perspectiva pretendemos oferecer reflexões sobre o seguinte problema: Quais as principais práticas educativas vivenciadas em assentamentos de reforma agrária organizada pelos movimentos sociais do campo no município de Caruaru-PE? Para respondermos esta questão destacamos como objetivo geral: Conhecer as principais práticas educativas vivenciadas em assentamentos de reforma agrária organizada pelos movimentos sociais do campo no município de Caruaru-PE. Desse modo, como objetivos específicos, podemos destacar os seguintes: Apresentar os princípios da educação do campo; Descrever as principais ações de luta pela terra realizada pelos movimentos sociais do campo e Identificar no assentamento as principais questões referentes a Reforma Agrária. Tal estudo justifica-se pela necessidade de discutir e abordar as questões educativas presentes dentro dos movimentos sociais, neste caso, o MST. Para tanto, o alicerce da concepção teórica deste exercício de pesquisa tem seu desenvolvimento a partir dos pensamentos e estudos realizados principalmente por Paulo Freire, Caldart e Gohn.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Metodologia

O presente exercício de pesquisa situado no campo da educação, entorno dos movimentos sociais, tem como foco as práticas educativas vivenciadas em assentamentos de reforma agrária. Procurando desenvolver novos conhecimentos e ampliar nosso aprendizado, colocando e ampliando nossas teorias com a prática optamos por um exercício de pesquisa voltado sobre a abordagem de uma perspectiva qualitativa, desta forma a aproximação com a realidade, tornasse um elemento indispensável para o desenvolvimento do mesmo.

Segundo MINAYO (2008), os instrumentos de trabalho de campo na pesquisa qualitativa permitem uma mediação entre o marco teórico-metodológico e a realidade empírica. A abordagem qualitativa alcança uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela se envolve com empatia aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas. A pesquisa qualitativa trabalha geralmente com pessoas e com suas criações e estes sujeitos de pesquisa devem ser compreendidos como atores sociais, respeitados em suas opiniões, crenças e valores. Todo trabalho de coleta de informação, deve observar que “[...] a fala dos sujeitos de pesquisa é reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos [...]” (MINAYO, 2008, p. 204) e por isso mesmo é tão rica e reveladora, nesse sentido optamos pela realização de entrevistas semi-estruturadas e registro em diário de campo.

O exercício em campo foi realizado no Assentamento dos trabalhadores Rurais de cachoeira Seca -Via da morte. Este localiza-se na zona rural da cidade de Caruaru-PE, segundo distrito. Fica as margens da BR 104, sentido Toritama-PE. O trabalho de coleta dos dados foi realizado a partir dos seguintes sujeitos do campo: Assentados, professora e crianças; que aqui trataremos como: assentado 1 e assentado 2, professora, criança 1 e criança 2. Para realização deste exercício de pesquisa foram realizadas visitas ao campo e acompanhamento dos sujeitos em reuniões fora do assentamento.

Diante do tema que nos guia, para alcançar os objetivos delimitados aderimos a observação participante como um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. Nesse sentido, concordamos com MINAYO (2010):

A técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados. [...] A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real. (MINAYO, 2010, P. 59)

Nesse sentido, observar atentamente as ações e relações estabelecidas pelos sujeitos dos assentamentos, inclui as conversas informais e as histórias de vida/oral dos sujeitos do campo.

Diante do que nos guia, optamos pelo Método do Caso Alargado como elemento metodológico de pesquisa, pois consideramos que ele aponta uma dimensão mais profunda de análise. Este método proporciona um olhar mais ampliado do caso em estudo. Neste sentido, concordamos com Lage (2009, p.7) quando discute caminhos epistemológicos para a elaboração do conhecimento, traz uma reflexão sobre algumas abordagens metodológicas, nessas discussões o método do caso alargado é entendido pela mesma autora como um método “caracterizado por um estudo de caso convencional que tem alagada as suas implicações quando da sua conclusão.” Sendo assim, o método do caso alargado possibilita uma maior profundidade de análise e compreensões, conseqüentemente um melhor entendimento sobre o tema que estamos a pesquisar.

Discussão dos dados

O Assentamento dos trabalhadores Rurais de Cachoeira Seca -Via da morte. Localizado na zona rural de Caruaru, segundo distrito. Fica as margens da BR 104, sentido Toritama-PE. Trata-se de um assentamento organizado, onde já estão sendo construídas as casas dos assentados (agrovila).

O lugar é tranquilo, limpo e todos que lá moram são muito receptivos, falantes e alegres. Existe uma garagem na agrovila que serve como ponto de encontro para reuniões, festas, igreja e também aulas. A maioria dos moradores criam animais de pequeno e grande porte, cada um dos moradores é dono de duas parcelas de terra, que ficam logo atrás de sua casa.

Apesar de ficar próximo a BR 104, também fica próximo a natureza. Ouvi-se os cantos dos pássaros e dos animais de criação. A maioria da população planta ou comercializa o carvão mineral. Os adultos podem estudar na Educação de Jovens e Adultos no próprio assentamento, já as crianças precisam atravessar a pista e se locomover para outra escola que fica em outra comunidade.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O assentamento possui a implementação de alguns projetos, como o bio-gás. As casas que estão construídas estruturalmente são padronizadas, mas possuem diversas cores, cores vivas como o rosa, azul, verde... As crianças gostam de andar de bicicleta, desde cedo começam a ajudar os pais com as atividades cotidianas. A noite, os assentados se reúnem em frente a casa do representante para discutirem algum acontecido e colocar as conversas em dia.

Durante nosso exercício de pesquisa, desenvolveu-se a categorização de três temáticas: Educação do Campo, Movimentos Sociais do Campo e Reforma Agrária. A seguir apresentamos algumas informações coletadas do campo referente cada categoria.

Educação do campo

Primeiramente gostaríamos de deixar claro a visão que os assentados possuem referente a educação e a escola. Para os mesmos, esses dois elementos são inseparáveis e possuem uma importância muito grande na vida de cada um. Primeiro porque é lá onde eles passam tantos anos e segundo, porque onde aprendem a ler e escrever. Entretanto, possuem a compreensão que não se aprende apenas na escola. Aprendem uns com os outros, com a experiência e principalmente com a luta, tanto que a educação do campo para eles é a educação que recebem junto ao povo. É poder ensinar a seus filhos como plantar e criar os alimentos do dia a dia, é ensinar a cuidar do gado, da terra.

Para Caldart a educação do campo é um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas” Caldart (2012, p. 263). Nessa mesma direção o assentado 1 diz: “A educação do campo é bem diferente da educação da cidade, a do campo é mais voltada para o campo mesmo, para as questões da agricultura (tempo de plantar, de colher...) Uma educação voltada para o que acontece no dia a dia das pessoas, para a cultura” (ASSENTADO 1/ENTREVISTA-DIÁRIO DE CAMPO, 31/05/16). Apesar de ainda não terem uma definição precisa, até as crianças conceituam a educação do campo na mesma linha que Caldart: “É a educação que não é da cidade, é a do campo” (CRIANÇA 1, ENTREVISTA –DIÁRIO DE CAMPO, 17/04/16). “É a educação que minha mãe estuda aqui no assentamento” (CRIANÇA 2, ENTREVISTA –DIÁRIO DE CAMPO 10/05/16).

A escola para eles não deveria trabalhar apenas os conteúdos curriculares, mas principalmente os saberes de



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

cada criança que nela se encontra. Muitos relataram que não tinham acesso a escola antigamente, que apenas depois do assentamento, ou seja, depois da abertura da turma do Eja foi que pela primeira vez estão aprendendo a ler e escrever. Um dos moradores do assentamento relata o seguinte:

Eu quando era pequeno não podia estudar, meus pais me tiraram da escola para trabalhar na roça. Hoje depois de velho eu estudo a noite e estou aprendendo a ler e escrever. Não só eu, mas muitos aqui, que também não tiveram a oportunidade de aprender quando crianças. Hoje eu não deixo minhas netas ficarem sem estudar de jeito nenhum, ao contrário, eu incentivo porque é com o estudo que a gente se forma para ser alguém. (ASSENTADO 2, DIÁRIO DE CAMPO, 24/04/16)

Percebemos a partir deste relato o quanto eles enxergam a escola como um elemento fundamental do processo de aprendizagem e formação das pessoas. Apesar de não possuírem especificamente uma escola, pois os moradores do assentamento tem acesso apenas ao ensino do Eja que acontece em uma garagem.

Segundo a professora do assentamento: “De uma forma geral, defino a educação do campo como uma educação desafiadora, que exige comprometimento com as especialidades do espaço. Uma educação que preza a formação emancipadora para valorização de valores e cultura” (PROFESSORA /ENTREVISTA-DIÁRIO DE CAMPO, 25/05/16). Após a reflexão da conceitualização dos teóricos e das abordagens dos sujeitos do campo, podemos compreender a educação do campo, como uma educação essencialmente voltada para si, ou seja, para as questões pertinentes ao próprio campo e as relações que os sujeitos estabelecem a partir dele. Nesse sentido, tratasse de uma educação que tem como base e ponto de partida a realidade na qual os alunos e a escola estão inseridos. Esse tipo de educação se desenvolve a partir do compartilhamento de diferentes saberes, valores, e busca condicionar uma formação mais humana e emancipatória.

Consideramos o grande salto do movimento do campo brasileiro, que é reconhecimento da educação como fator fundamental no processo de emancipação e superação da barbárie vivida no campo, e a clareza de que uma proposta de educação do campo tem, necessariamente, que incluir a discussão do modelo de desenvolvimento a que estamos submetidos, que passa despercebido no dia a dia das escolas para que ele deixe de parecer normal e seja entendido como uma escolha que provoca efeitos diretos na continuidade e possibilidade de vida no campo. Os sujeitos do



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Assentamento de Cachoeira Seca, lutam por uma escola para o ensino fundamental, para que seus filhos possam estudar junto ao povo, no próprio assentamento, assim como acontece o ensino de jovens e adultos. Entretanto relatam que faltam recursos e apoio para tal conquista.

Neste contexto, consideramos que a educação popular presente no assentamento através do ensino da Eja, muito vem a somar com os princípios e demandas dos que fazem o assentamento. Durante a coleta de dados, percebi que a professora busca trabalhar respeitando a vivência e o contexto de seus alunos e isso é de extrema importância no que diz respeito a uma educação popular do campo de qualidade.

Movimentos sociais do campo

Os moradores do assentamento entendem os movimentos sociais como uma ferramenta de luta para reivindicação e conquista de direitos. Apesar de conhecer outros movimentos o que mais evidenciou-se a partir das observações foi discussões sobre o movimento que eles fazem parte, ou seja, o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra.

As crianças nós informam que movimentos sociais são: “As pessoas que se unem em busca de direitos, pessoas que ocupam um terreno” CRIANÇA 1, ENTREVISTA –DIÁRIO DE CAMPO, 17/04/16). “É a gente! O que a gente faz” (CRIANÇA 2, ENTREVISTA – DIÁRIO DE CAMPO 10/05/16). Quando ela diz “é a gente” isso quer dizer que de certa forma ela sabe muito bem do que se trata e que se reconhece como parte do movimento.

De uma forma simples, os sujeitos explicam que os movimentos sociais tratam-se por exemplo, de reuniões de pessoas que se põem em movimento pela conquista de algo. Em uma concepção mais formal e política esclarecem que, os movimentos sociais são compostos pelo povo, normalmente excluídos de algum direito. Os sem-tetos lutam por teto, desempregados por trabalho, etc. Normalmente, a pessoa que não tem teto, emprego, terra, educação, acha que é por sua culpa. O movimento mostra a ela que isso são direitos, e não privilégios. O movimento social tira as pessoas de seu isolamento e lhe dá identidade, dignidade.

Segundo eles a presença dos movimentos sociais é de suma importância no que diz respeito a política, pois:

Embora sejam os próprios cidadãos que elejam seus candidatos, há muitos momentos que determinadas leis não partem da opinião e da necessidade popular, mas dos seus próprios interesses. É neste momento que nós devemos unir nossas forças e ir para as ruas, praças, enfim, temos que mostrar que estamos incomodados e que reivindicamos mudanças. Isso é a luta do povo por seus direitos, por



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

conquistas. Quando levantamos a bandeira de uma causa, ergue-se o símbolo do movimento. (ASSENTADO 2 - DIÁRIO DE CAMPO, 03/05/16).

É perceptível que eles conhecem muito bem o movimento qual fazem parte e que conhecem também como ele tornasse poderoso quando voltasse para uma causa coletiva. No entendimento de alguns, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, é um grupo de pessoas que lutam para terem um pedaço de terra para poder plantar, criar animais e tirar seus sustentos. Um morador ainda nós esclarece que: “O Movimento Sem terra são grupos de famílias que querem ter onde morar e criar seus filhos. Não queremos tomar nada dos outros, as terras pelas quais lutamos são terras improdutivas, abandonadas e esquecidas.” (ASSENTADO 1/ ENTREVISTA-DIÁRIO DE CAMPO, 31/05/16).

Segundo Gohn, os movimentos sociais são ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais (...)” GOHN (1995, p. 44). Podemos ver que essa conceitualização bate com a dos assentados pois para uma assentada são: “Grupos que lutam por melhorias, que fazem protestos, que procuram uma visibilidade para reivindicar. Os Sem terra fazem parte deste grupo, pois luta por melhorias a partir da conquista da terra” (ASSENTADO 1/ENTREVISTA-DIÁRIO DE CAMPO, 31/05/16).

Para Krishcke (2003) o conceito de movimento social surge no seio revolucionário, do movimento operário. Há certo consenso de que os movimentos sociais propiciam a difusão dos ideais de emancipação, alimentam os desejos de liberdade, mas também podem ser vistos como agentes que anunciam o novo ao denunciar as contradições existentes e desafiar os códigos culturais dominantes. Nesse mesmo parâmetro a professora diz que: “Compreendo os movimentos sociais como um elemento de expressão da voz do povo e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra são uma parcela desse elemento que luta e grita por direitos mínimos” para valorização de valores e cultura” (PROFESSORA, ENTREVISTA-DIÁRIO DE CAMPO, 25/05/16). Após esse confronto (teoria/prática) podemos compreender os movimentos sociais como uma importante arma a ser utilizada para evidenciar as justas insatisfações sociais. Em resumo, tratam-se de determinados grupos que promovem ações direcionadas para reivindicação de algo de interesse coletivo. No caso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o movimento surge a partir da demanda de uma coletividade de pessoas do campo que lutam por direitos mínimos como a posse de terras e também direitos previstos na legislação.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Consideramos que os movimentos são muito importantes para sociedade. Tal importância reside no fato desses movimentos conseguirem aproveitar aquilo que a democracia tem de melhor que é a liberdade de expressão. Quando o povo tem a oportunidade de abrir a boca e expressar seus anseios e frustrações, ou seja, definir o imaginário social vigente, não deixa ao Estado nenhuma opção, a não ser atender às suas expectativas. E, nesse contexto, o jovem é uma grande arma, pois consegue aliar à juventude, os ideais que certamente haverão de contribuir para transformar a sociedade.

Reforma agrária

Durante uma participação em uma das aulas da Eja no assentamento, observei nas paredes da sala muitos cartazes que representam a reforma agrária. Nesse sentido, podemos supor que a professora trabalha as questões voltadas sobre o tema. Consideramos que este é um fato muito interessante e importante, pois de fato, fica notável que a professora trabalha de acordo com a realidade e vivências dos sujeitos.

Segundo o Incra a reforma agrária é um Sistema em que ocorre a divisão de terras, ou seja, propriedades particulares (latifúndios improdutivos) são compradas pelo governo a fim de lotear e distribuir para famílias que não possuem terras para plantar. O processo de Reforma Agrária pode ser entendido como um movimento particular no movimento mais amplo de reprodução camponesa no Brasil; Marques (2000,p.165). Uma das perguntas que compôs a entrevista realizada com os sujeitos da pesquisa foi exatamente o que eles entendiam por reforma agrária, uma moradora respondeu que falam muito sobre o assunto nas reuniões do assentamento e nas aulas do EJA que ela frequenta. Segundo ela, a reforma agrária é: “Uma lei que faz a divisão de terras por igual, dá terra a quem não tem, para que essas pessoas possam morar e cultivar na terra” (ASSENTADA 1 /ENTREVISTA-DIÁRIO DE CAMPO, 31/05/16). Ainda segundo os sujeitos, uma criança: “É a gente, o que a gente faz” CRIANÇA 2, ENTREVISTA –DIÁRIO DE CAMPO 10/05/16).

Nesse sentido, relatam que se reconhecem na luta a favor da reforma e ainda reforçam que ela é muito discutida nas aulas porque precisam entendê-la para saber como lutar por ela. Entendem que é a nova divisão de terras, ou seja, são aquelas terras de quem tem muito e não as utiliza que deve ser redistribuída. Notamos, portanto, que esse assunto além de ser tratado e exposto nas escolas também se faz presente nas reuniões para que todos possam de fato entender qual a causa que defendem.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Eles falaram que em sua grande maioria as terras que conseguem já não são mais produtivas, não servem para plantar, então eles fazem todo um processo de revitalização daquela terra para que ela volte a produzir alimentos. A reforma agrária é o que move o movimento, pela busca incansável de ter de fato onde morar e cuidar da família. Eles também sabem que além da terra para construir suas casas, possuem direitos maiores. Esclarecem que se referem ao direito de ir e vir com a camisa da luta, de entrar em uma loja e ser bem recebido, de não serem vistos como ladrões, de poder fazer parte efetivamente das decisões políticas da sociedade.

A professora relatou que a reforma agrária é: “O primeiro passo para uma verdadeira redistribuição de terras por igual e dada a quem realmente merece e pretende colocar as mãos na massa” (ENTREVISTA-DIÁRIO DE CAMPO, 25/05/16) . Diante de tudo que aqui foi exposto podemos compreender a reforma agrária como um elemento de total importância na conjuntura do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, pois trata-se do sistema que administra e desenvolve a redistribuição e divisão de terras brasileiras.

Resultados e conclusões

Retomando a pergunta inicial que deu origem a este exercício de pesquisa, que foi: Quais as práticas educativas presentes em Assentamento de Reforma Agrária; temos a dizer que além da Educação de Jovens e Adultos que no local se realiza, o próprio assentamento já é uma rica fonte educativa. Que os sujeitos possuem plena consciência da importância da educação do campo, dos movimentos sociais, reforma agrária e conseqüentemente de sua maior essência, ou seja, sua luta.

Consideramos que os princípios da educação do campo são voltados principalmente para os sujeitos do campo, para valorização de seus saberes e para as principais ações de luta pela terra realizada pelos movimentos sociais do campo que é a luta pela reforma agrária, pela educação do campo de qualidade.

A educação escolar, vista como um resultado urbano transmite valores, ideologias, conteúdos e utiliza-se de metodologias que não contemplam as realidades e vivências dos educandos das escolas rurais. Além de descaracterizar a cultura e a identidade deste meio, estas práticas são dissociadas dos interesses cotidianos dos alunos.

Pensar numa educação que valorize os conhecimentos e leve em conta as necessidades deste meio é trabalhar numa proposta que contemple o



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

processo de formação humana, vinculada tanto a cultura local como a global. É assim que a educação do campo deve ser construída, para atender as necessidades dos camponeses, garantindo assim, sua reprodução social e o desenvolvimento de seus territórios. Esta, vinculada a uma política de Reforma Agrária estrutural, ou seja, para além da política de distribuição de terras.

A educação oferecida no campo deve se diferenciar da educação oferecida nas cidades, não exatamente em seus conteúdos, pois deve também dar todo suporte teórico que uma escola urbana daria, mas deve trabalhar de forma diferenciada, ou seja, fazendo uma relação direta com a realidade dos/as educandos/as. Trazendo para dentro da escola elementos que sirvam para que os/as façam refletir e ter capacidade de transformar esta realidade em que vivem.

Consideramos portanto, que o próprio assentamento, a partir de suas ações e práticas, desenvolve um ensino educativo sobre aqueles que do espaço pertencem. Fica notável que a escola não é a única fonte disseminadora de conhecimento, mas que muito se aprende com a vivência e as lutas do movimento. E que essas tornam-se práticas educativas muito importantes para a formação humana dos sujeitos.

Sendo assim, referente o método do caso alargado, podemos ainda inferir que experiências que tenham educação do campo, movimentos sociais e reforma agrária tem a possibilidade de promover a emancipação dos sujeitos. Saímos desta pesquisa com muitos saberes novos adquiridos, alguns científicos, mas, na maioria, saberes humanos que nós fizemos crescer muito como pessoas e como educadoras. Para isso, é preciso pensar em políticas públicas que caminhem no sentido de atender os Assentamentos de Reforma Agrária, no sentido das dinâmizações para melhorar a educação que está sendo transmitida no campo.

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, C. Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Abril Cultura; Brasiliense, 1985.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/alasiasantos/analise-de-conteudo-laurence-bardin>>. Acesso em 14 junh.

2014.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola.** São Paulo: Cortez, 2002.

Dicionário da Educação do Campo. / Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1975.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo, Brasil: Paz e Terra (Coleção Leitura), 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOHN, M. G. **Movimentos Sociais e Educação.** São Paulo, Brasil: Cortez, 1992.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos e lutas sociais na história do Brasil.** São Paulo: Loyola, 1995.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. Política de Assentamento. Brasília, 1997.

KRISCHKE, Paulo. **Aprendendo a democracia na América Latina: atores sociais e mudança cultural.** Porto Alegre: Papyrus, 2003.

LAGE, Allene Carvalho. **Orientações Epistemológicas Para Pesquisa Qualitativa em Educação e Movimentos Sociais** In: IV Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares, 2009 João Pessoa. IV Colóquio Internacional de Políticas Práticas Curriculares: Diferenças nas Políticas de Currículo. João Pessoa : UFPB, 2009.

MARX **O Capital. Crítica da economia política.** São Paulo: Difel, Livro 1, vol. 1, 1979.

Medeiros, Leonilde Sérvolo de. **História dos movimentos sociais no campo / Leonilde Sérvolo de Medeiros.** — Rio de Janeiro FASE, 1989.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento.** 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção temas sociais).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br